

## Fédida-Uma Colocação em abismo

- *Resenha de Pierre Fédida, Nome, Figura e Memória: A linguagem na Situação Psicanalítica, São Paulo, Escuta, 1992, 236 p.*

Se deixamos de pensar a situação analítica a partir de modelos instituídos - seja pelos dogmas teórico-técnicos determinados pelas instituições de formação, seja pelos "ideais-de-eu analíticos" dos quais nunca estamos totalmente livres -, nos deparamos com um *abismo*. Trata-se do abismo da quebra da ilusão de que sabemos o que somos e o que fazemos, mas também o abismo que instaura as condições mesmas para o pensar psicanalítico. A leitura desse livro de Fédida nos oferece a oportunidade desta *colocação em abismo*, ou nas suas próprias palavras, provoca a "vertical do estrangeiro".

Não se trata de uma leitura fácil. A dificuldade da leitura se deve, por um lado, à própria escrita de Fédida, que é densa e plena em *figurabilidade*; nela, o cuidado com o leitor parece se traduzir muito mais no sentido de produzir efeitos poéticos do que no de garantir a inteligibilidade do conteúdo por qualquer recurso didático. A poética de seu estilo não estaria dirigida a produzir um efeito de fascinação imaginária, e aqui estaríamos no registro do narcisismo? O leitor terá que conviver um bom tempo com esta incômoda suspeita, até que possa *mudar de perspectiva* e compreender o sentido do *poético* em Fédida. Se é pela poética que as palavras se tornam atividade metafórica das coisas,

"... a linguagem se abstrai, ou melhor, se *ensurdece* caso a obra sensorial e manual das palavras seja reduzida em favor do que poderia ser chamado seu clichê, por exemplo, de seu emprego nocional sistematizado. O ato técnico da escritura na psicanálise é, portanto, o ato manual que produz - em continuidade

com o silêncio da escuta - as transformações poéticas da fala do analista." (1)

Fédida utiliza-se de uma multiplicidade de referenciais conceituais, que vão desde a obra freudiana - passando pela contribuição de diversos outros analistas - até o pensamento grego, a lingüística e a filosofia. Os analistas, em geral, estamos pouco habituados a incursões mais densas nestes campos do conhecimento, o que exige um esforço redobrado de concentração e *estudo* do texto. A erudição aqui é inegável, e a maneira como Fédida *dispõe* do potencial metafórico destes diversos elementos é bastante enriquecedora para o campo psicanalítico.

Mas talvez o fator mais enigmático desta leitura seja justamente o efeito de ressonância que a *insistência do questionamento* provoca na escuta que se oferece ao texto com sua ingenuidade receptiva, e a *resistência* daí advinda. O texto nos coloca uma *exigência* de leitura - leitura que, a meu ver, é feita com uma mistura de angústia e prazer - em que cada pequeno trecho solicita uma atenção cuidadosa (à maneira da escuta analítica), pois carrega em si uma densidade de significações e "associações conceituais" que lembram o processo primário: mas, paradoxalmente, obedece a um grande rigor conceitual. Se o *desafio da resistência* é "... despojar o terapeuta dos esquemas teóricos pré-formados em sua percepção e despedaçar as representações trazidas por sua [do paciente] fala" (2), é esta resistência que experimentamos na aventura da leitura. Aqui somos convidados a refletir sobre a *positividade* da resistência. Ora, se a preguiça ou

o medo nos tomam contra-transferencialmente, é à *negligência da linguagem* que somos conduzidos.

O livro é composto de 13 artigos relativamente recentes, precedidos de uma breve apresentação de Luis Carlos Menezes, responsável também pela organização da publicação. Apesar de serem artigos originados em contextos diferentes (alguns recobrem temas desenvolvidos em seminários por Fédida, outros são revisões de artigos já publicados, incluindo-se também uma conferência proferida em São Paulo em 1990), pode-se notar claramente o fio do pensamento do autor, o que se reflete na *insistência* de determinados elementos e determinadas questões ao longo dos artigos.

Cada artigo tem um tema central, mas re-visita os principais elementos do pensamento de Fédida que estão presentes ao longo de todo o livro. Os elementos - inicialmente obscuros e abstratos - retornam a cada artigo e vão tornando-se mais *íntimos*, vão tocando as "camadas surdo-mudas" da nossa clínica psicanalítica no seu sentido mais *pessoal*, vão entrelaçando-se e desenhando os contornos de um pensamento que se revela como um verdadeiro "corpo teórico". Creio que seja precisamente isso a *insistência do questionamento*, já que há por outro lado "questões que não questionam a linguagem".

"Estas questões parecem ser intolerantes ao silêncio, estando sempre dispostas a obter qualquer resposta que supostamente as informe. Pronta a satis-

fazer-se com a fuga na qual a fala se precipita, a própria questão participa da multidão-pânico. Se é a "própria ambigüidade que questiona", esta é abolida por tais *questões-multidão*". (3)

Fédida opera um trabalho de construção a partir de diversas posições freudianas, tanto em relação à situação analítica e sua "técnica", quanto à metapsicologia. Pressupõe um isomorfismo (ou "isotopia") entre a situação psicanalítica e a construção metapsicológica - ou, dito de outra maneira, a psicanálise é "uma" - pressuposto fundamental para a inteligibilidade de seu pensamento. Penso que este trabalho é não apenas uma re-leitura, mas uma verdadeira *interpretação* do pensamento de Freud a partir dos problemas que a clínica psicanalítica contemporânea nos coloca. Destacarei em seguida alguns pontos de sua contribuição.

O sonho é tomado como paradigma tanto da situação analítica quanto da linguagem na análise, e neste sentido o próprio *analítico* da situação se define pela referência à linguagem; a "insociabilidade do sonho é constitutiva da situação analítica e fundadora do ato de escuta da fala desconhecida nascida da noite" (4). Assim, a função do enquadre é oferecer as condições para o desenrolar da fala-sonho, e a psicoterapia dos *casos difíceis* é mais uma complicação do que um desvio. O "sítio do estrangeiro" é o lugar do analista, já que a familiarização equivale à ameaça de aniquilamento da linguagem. A ambigüidade é o signo deste lugar, o lugar do não-lugar, o lugar informe para que as formas e as figuras possam ser inscritas. A situação analítica não é,



portanto, uma vez e definitivamente instalada pelo enquadre; o trabalho de análise é justamente o constante re-instaurar do sítio do estrangeiro a partir dos desequilíbrios da relação fala-escuta.

A partir do paradigma do sonho e da referência à linguagem, os diversos elementos do processo analítico são ressignificados: a resistência, a interpretação/construção, a associação livre/atenção flutuante, a não-resposta do analista, etc. A *neutralidade*, por exemplo, pode ser pensada como a *distância justa* que permite ao analista escutar uma fala íntima - mas não familiar - "cujo destinatário transferencial é um *ausente*, pelo qual ele não deve se tomar, e cuja ausência será *significada* ao paciente pela interpretação" (5).

Um das contribuições mais originais deste livro é certamente o trabalho de Fédida sobre o auto-erotismo/autismo. O autismo é tratado como um paradigma teórico-clínico em psicanálise, em uma abordagem que considero especialmente rica por oferecer subsídios para a reflexão e o trabalho com diversas formas clínicas hoje bastante frequentes (a toxicomania, a anorexia/bulimia e outros distúrbios psicossomáticos, por exemplo). O modelo do autismo transcende o campo da psicose, já que nos permite encontrar uma via de acesso para as *zonas autísticas* em pacientes neuróticos (e "límitrofes"), verdadeiros "buracos negros" de vazio psíquico (às vezes acompanhados de angústia em estado bruto), nos quais estão ausentes ou extremamente distorcidos os processos de metaforização e de figurabilidade. Estes estados concernem diretamente à experiência clínica de muitos de nós, e constituem, segundo penso, um dos grandes desafios de nossa prática

psicoterápica.

Ora, o autismo é o auto-erotismo sem Eros! Fédida realiza aqui uma rica retomada deste conceito freudiano esquecido, propondo que no auto-erotismo se encontra parte do potencial criativo das formações de figura da linguagem, processo que se desenvolve sobretudo a partir das formas sensoriais/sensuais. O corpo - a sede das pulsões parciais auto-eróticas - é o lugar de *recepção* (por exemplo, o corpo do terapeuta que trata de crianças autistas), e também um lugar de produção de formas especulares. No autismo, encontramos-nos diante de um "estado pré-imaginário de um auto-erotismo gravemente impedido"; Fédida supõe aqui a ocorrência de verdadeiras catástrofes no início da vida, que "destruíram a capacidade imaginária de um círculo auto-erótico da forma, e que, ao mesmo tempo, afetaram o conjunto das possibilidades de constituição de um *si* e de suas defesas, inclusive imunitárias" (6). Trabalhando com as formulações freudianas da primeira teoria das pulsões (antes do surgimento do narcisismo e da problemática do Eu), Fédida constrói uma metapsicologia dos estados autistas de uma riqueza inegável; mas o *auto-erotismo sem Eros* não poderia ser relacionado também com aquilo que Freud chamou de pulsão de morte?

Os últimos artigos do livro tratam, entre outras coisas, da *análise de supervisão*. Criticando a ilusão de uma objetividade empirista que trata o "caso" supervisionado como uma realidade isolada e isolável, Fédida reflete sobre a função de um *terceiro* - o supervisor - na relação de intimidade e de fala-escuta entre analista e analisando. Falar de um caso não é apenas um problema de sigilo ético, mas sobretudo uma questão de possíveis efeitos de desequilíbrio sobre a atividade de linguagem na análise. Apondo os riscos de actings a partir da supervisão, de redução da memória infantil a uma história narrativa, e lembrando-nos que o

supervisor não é "a teoria e a memória do paciente", Fédida nos faz pensar sobre a memória do analista, sua função de *construção* e de linguagem. Se a construção é, para o analista, "*a teoria e a memória do infantil em estado de linguagem*, ou seja, *em sua condição de constituição metafórica à escuta do paciente*" (7), aprendemos que a fala deste último só se abre quando percebe as transformações que produz. Em que circunstâncias a supervisão permite e potencializa o sutil equilíbrio de fala-escuta entre analista e analisando - o sítio do estrangeiro - e quando interfere no sentido inverso? São questões cruciais, e que devem ser tomadas também no entre-cruzamento entre análise pessoal e supervisão, já que a análise do analista está necessariamente imbricada com a análise de "seu" paciente. A supervisão mostra-se, enfim, como um *lugar* especialmente propício para a investigação da atividade metapsicológica do analista no tratamento, onde o analista-supervisor é o "estrangeiro da teoria" que traduz para o analista "o que é falado nele".

Fédida marca uma posição clara: a psicanálise não é humanismo. Critica a tendência à antropomorfização da função do analista que pode paralisar a atividade de linguagem, e insiste em que o lugar do analista é informe (mesmo as representação analista-mãe, ou analista-morto, parecem inadequadas); considera que a função receptiva do analista refere-se à instauração/manutenção do lugar que permite o engendramento das formas. Não haveria aqui um excesso de abstração ou "purificação" da função do analista, já que ele é também co-autor na obra de construção, e para tanto entra em cena com seu próprio processo de figurabilidade, sua teoria sobre o próprio lugar? Não há, na trans-

ferência, um processo de construção que é *comum*, em que também as figuras imaginárias do analista compõem a obra da análise?

Mesmo mantendo uma posição singular, Fédida faz referência constante à *comunidade psicanalítica*. E aqui não se trata da busca das "bases comuns" da psicanálise ou de uma afirmação de identidade por pertinência; *comunidade* nada tem a ver com associação ou instituição psicanalítica. É principalmente a situação de supervisão que inaugura a *comunidade psicanalítica* com base em um trabalho de teoria; seria possível este trabalho se a escritura da teoria "não tivesse por interlocutor o engendramento de uma comunidade" (8), se não houvesse este *outro* do auto-erotismo criador de formas? Até que ponto a comunidade psicanalítica - o supervisor, o analista "pessoal", e as múltiplas e intrincadas transferências que o analista estabelece no interior desta comunidade - serve como *outro* do auto-erotismo, ou como excesso de outro traumático e invasivo, o "sedutor-impedidor" que enclausura a linguagem em uma "formação de massa a dois" (segundo o modelo da hipnose, paixão e adesão ao líder)?

Trata-se, pois, de um livro denso, rico e difícil. Mas que fala ao essencial do que seja o trabalho analítico, e que portanto pode servir como ferramenta preciosa no processo de construção da metapsicologia teórico-clínica singular de cada analista.

**Decio Gurfinkel**  
Psicanalista, Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

#### NOTAS

1. FÉDIDA, P. - *Nome, Figura e Memória: a linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo, Ed. Escuta, 1992, p.40.

2. *Ibidem*, p.15.

3. *Ibidem*, p.17.

4. *Ibidem*, p.62-3.

5. *Ibidem*, p.58.

6. *Ibidem*, p.156-7.

7. *Ibidem*, p.179.

8. *Ibidem*, p.236.